

A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA NO COMBATE AO PRECONCEITO

Deise Azevedo Longaray*

“Sempre quando a gente ia fazer queixa, os errados éramos eu e meus amigos. [...] O problema nunca era quem ofendia, quem batia na gente, sempre era nós. O problema era que erámos homossexuais. Não sabiam lidar com isso. Eu me lembro que a diretora um dia me chamou na sala dela, foi quando ela me convidou a me retirar da escola. Claro, elas não sabiam lidar com a situação. O parar de estudar foi porque a gente sofria mesmo na escola, a gente apanhava. Já apanhei na escola, com ferro nas costas.” (M.R.)

“Minha relação [na escola] era de preconceito e de diferença. As pessoas sempre me tratavam muito mal. Os guris da minha aula e de toda a escola que eu estudava brigavam comigo, me falavam palavras horríveis, me chamavam de bicha, traveco, putão, veado. [...] os meninos me desrespeitavam muito. Inclusive as diretoras e professoras da escola, eu falava pra elas e elas me mandavam ficar calmo, não dar bola, mas aquilo me machucava demais, porque eu sofria muita agressão verbal. Uma vez eu até apanhei de um, só porque eu fui me defender” (L.)

As enunciações acima foram produzidas ao longo da minha pesquisa de doutorado intitulada “A (Re)Invenção de si: Investigando a constituição de sujeitos gays, travestis e transexuais”, a qual teve como propósito investigar os enunciados e as práticas de si que constituem os/as sujeitos/as gays, travestis e transexuais nos espaços educativos. E é com elas que inicio esse texto, questionando: qual a função social da escola frente às situações de violência como essas? Nós professores/as estamos preparados/as para lidar com tais situações? O que fazer diante disso?

*Doutora em Educação em Ciências

Com esse texto, não tenho a pretensão de propor soluções para os problemas encontrados nas escolas com relação à diversidade sexual e de gênero, mas problematizar a importância da discussão dessas temáticas na escola no sentido de contribuir para a afirmação das diferenças e para a promoção de uma cultura de respeito no âmbito escolar. É possível evidenciar, a partir das narrativas, que se faz necessária a problematização “do outro”, das diferenças dentro da escola, uma vez que essa instituição trabalha na produção dos corpos e das subjetividades. Para Silva (2000, p. 97):

Mesmo quando explicitamente ignorado e reprimido, a volta do outro, do diferente é inevitável, explodindo em conflitos, confrontos, hostilidades e até mesmo violência [...] o outro é o outro gênero, o outro é a outra cor, o outro é a raça, o outro é outra nacionalidade, o outro é o corpo diferente.

Partindo desse pressuposto, desestabilizar as “verdades” construídas sobre as sexualidades, aquelas que instituem um único modo de ser, é imprescindível, uma vez que são múltiplas as formas de viver os gêneros e as sexualidades. É na escola que os sujeitos constroem as primeiras redes de relações que passam a ser fundamentais nos seus processos de subjetivação. Para a maioria dos/as sujeitos/as gays, travestis e transexuais, a escola é um ambiente caracterizado pela vigilância dos gêneros e pela heterossexualidade que, nesse contexto, assume a posição privilegiada.

Ela, a partir de seus discursos, institui as formas como devemos agir na sociedade. É nesse espaço também que as relações com os sujeitos ao nosso redor estreitam-se e as interações contribuem para o reconhecimento dos mesmos enquanto tais. A escola, portanto, a partir de regras e discursos normativos, é um dos principais – e talvez o mais significativo – espaço de educação para os gêneros e para as sexualidades. É nesse ambiente – disciplinar, regulatório e normativo – que se estabelece e se aprende quais os limites dos nossos corpos, de nossas ações, de nossos gestos, de nossas posturas, da nossa fala, de nossos desejos, entre outras questões, a partir das quais ensina-se e aprendemos que deve haver uma uniformidade entre os gêneros e uma hegemonia heterossexual, bem como uma normalidade corporal.

A escola é um espaço de aprendizagens, de conhecimentos, de interações, mas, para muitas pessoas, ela tem se tornado local de recusa, de exclusão, de rejeição, de tristeza, porque nela muitas subjetividades são marginalizadas, reprimidas e ignoradas, tais como as homossexualidades, as bissexualidades, e principalmente, as travestilidades e as transexualidades. As narrativas de M.R. e L. apontam para a violência vivenciada na escola.

As desigualdades entre os gêneros e a homofobia são (re)produzidas nela e encontram-se em diversos momentos e lugares: na hora da chamada, nos discursos produzidos pelos/as professores/as e colegas, nos livros didáticos, no acesso ao banheiro, nas filas, etc. De um modo geral, pode-se afirmar que a homofobia resulta na exclusão dos/as sujeitos/as LGBT do ambiente escolar, quando muitos gestos, atitudes e palavras, que têm a pretensão de isolar, humilhar, excluir, fazem com que muitos/as adolescentes abandonem a escola, fato muito comum entre travestis e transexuais.

Nesse sentido, faz necessária, por exemplo, a promoção e aceitação do nome social de travestis e transexuais na escola. Ser reconhecido/a pelo seu nome social em registros escolares, cadernos de chamada, enfim, a possibilidade de ser chamado/a pelo nome que deseja é uma forma de trabalhar com a diferença, reconhecê-la, problematizá-la, com o intuito de reduzir as desigualdades e a violência.

A afirmação da heterossexualidade como a identidade normal, a expressão de um único modo de ser homem e mulher na sociedade, a atribuição de inúmeras representações preconceituosas às homossexualidades, às bissexualidades, às travestilidades e às transexualidades, e a ausência de discussões acerca da diversidade sexual e de gênero no currículo escolar, possibilita que muitos/as estudantes expressem ódio, aversão frente aos sujeitos LGBT, como podemos perceber na narrativa de M.R. A escola deve estar aberta a esta discussão, garantindo o respeito e a igualdade de direitos e deveres entre todos/as.

Com base na produção de normas, as escolas, com seus arranjos físicos e arquiteturas propícios à vigilância dos gêneros e das sexualidades, têm buscado capturar aqueles/as que escapam da zona de normalização instituída socialmente. Buscam, nesse sentido, corrigilos/as, ajustá-los/as, a fim de trazê-los/as para essa zona, que é constituída por uma medida comum – como por exemplo, a heterossexualidade e todos/as os/as que correspondem às imposições sociais. Os corpos são vigiados e “punidos”, quando se distanciam das configurações hegemônicas, M.R destaca isso. A escola é local de pedagogias coercitivas, em que os “corpos anormais” são facilmente identificados e reprimidos, tornando-se alvos de controle.

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o ‘lugar’ dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. [...] O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos ‘fazem sentido’, instituem múltiplos sentidos, constituem diferentes sujeitos (LOURO, 1997, p. 58).

Na escola, lésbicas, gays, travestis e transexuais, de vítimas tornam-se culpados/as pelos transtornos ocorridos neste espaço. Nesse sentido, aqueles/as que deveriam ser “protegidos/as” no espaço escolar passam a ser os/as causadores/as dos problemas ocorridos com eles/as na escola. Esse é um dos aspectos que contribui para a evasão dos mesmos do espaço escolar.

No entanto, embora as escolas exerçam sobre os sujeitos um mecanismo de vigilância, de operação da disciplina, as instituições de ensino constituem-se como espaços de construção de conhecimento e de socialização de experiências, local onde as relações sociais se estreitam; onde ensina-se e se aprende. Esses espaços são também, muitas vezes, espaços de acolhimento, de fabricação dos sujeitos. Por isso, é importante repensá-los. Nesse sentido, cabe destacar o compromisso, tanto dos/as docentes quanto dos/as discentes, para garantir o bom funcionamento dessa maquinaria – que, embora disciplinar –, é também produtora de aprendizados, construtora de saberes e conhecimentos, os quais produzem efeitos na constituição dos sujeitos que por ela transitam. A escola é um espaço privilegiado para a (des)construção dos binarismos masculino/feminino, normal/anormal, heterossexual/homossexual, saudável/doente, homem/mulher, que (re)produzem e reforçam o preconceito.

A homofobia, por ser compartilhada e por ser não só um fenômeno individual, mas também social, perpassa de um espaço a outro; ou seja, ela articulase e procede da casa para a comunidade, daí para a escola, e da escola para as demais instâncias educativas que, por ora, constituem os sujeitos. Entretanto, é na escola que muitos sujeitos LGBT são constantemente agredidos/as e de onde eles/ as são e, muitas vezes, permanecem afastados/as devido ao preconceito que se articula nesse espaço.

Assim, promover a discussão da temática homofobia no espaço escolar é uma forma de contribuir para o reconhecimento da pluralidade sexual e de gênero, ou seja, como afirma Borrillo (2001), é preciso promover ações pedagógicas contra a homofobia; porém, a “ação pedagógica deverá começar por denunciar o conjunto de códigos culturais e estruturas sociais que transmitem valores que reforçam os prejuízos e a discriminação com respeito aos gays e às lésbicas” (p. 118, tradução nossa).

É imprescindível então pensarmos o currículo escolar a partir de uma “pedagogia da diferença”, isto é, pensar em uma proposta pedagógica que acolha as diferenças existentes e as problematize. Por esse viés, a partir da minha participação no Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE e atividades nele desenvolvidas, apresento algumas

possibilidades de abordagens das temáticas diversidade sexual e de gênero na escola, a fim de contribuir na minimização do preconceito.

POSSIBILIDADES DE ABORDAGENS SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO NA ESCOLA

- Apresentar e debater sobre as diferentes configurações familiares, a partir dos livros: Meus dois pais de Walcyr Carrasco; Olívia tem dois papais, de Márcia Leite; O livro da família de Tood Parr; Sexualidade Papo de Criança na Escola? Sim!!!, produzido pelo Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE/FURG, entre outros;
- Discutir as diferenças existentes entre a homossexualidade feminina a partir do vídeo Cenas da Vida, produzido pelo Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE/FURG; • Discutir com adolescentes sobre diferentes assuntos relacionados aos corpos, gêneros e sexualidades, a partir do livro TEENcontrei: onde a gurizada se encontra, produzido pelo Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE/FURG;
- Problematizar os marcadores sociais atribuídos às identidades sexuais e de gênero, desconstruindo as representações que reproduzem o preconceito;
- Discutir se há diferenças entre a homossexualidade feminina e a homossexualidade masculina, problematizando-as;
- •Problematizar como gays, lésbicas, travestis e transexuais são representados/as nos meios midiáticos e nas diversas instâncias sociais; • Discutir a importância da adoção do nome social nos registros escolares e acadêmicos, bem como a questão do uso do banheiro por travestis e transexuais, a partir do vídeo Encontrando Bianca;
- Apresentar as leis que amparam cidadãos/ ãs LGBT, problematizando direitos humanos tais como: segurança, saúde, tratamento e atendimento igualitários, mudança de sexo, entre outros;
- Problematizar o projeto de lei que visa a criminalização da Homofobia (122/2006), bem como o projeto de Lei de Identidade de Gênero (PLC 5.002/2013);
- Debater sobre o casamento homossexual e adoção;
- Problematizar a constituição da família homoafetiva;
- Problematizar a questão da mudança de sexo realizada por transexuais;

- Problematizar a homofobia na escola: Há discussão sobre a temática homofobia na sua escola? Há casos de homofobia na sua escola? Que atitudes devem ser tomadas?;
- Discutir o respeito que todos/as devemos ter diante da pluralidade sexual, enfatizando a importância desse não ser confundido com tolerância.

Essas são algumas sugestões de trabalho com a diversidade sexual e de gênero. É importante salientar a necessidade de articular a discussão das temáticas diversidade sexual e de gênero aos projetos polítipopedagógicos das instituições de ensino, buscando desconstruir algumas “verdades” produzidas sobre as subjetividades lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais que, de alguma forma, contribuem para a produção da desigualdade e da homofobia.

Referências:

BORRILLO, Daniel. Homofobia. Paris: **Presses Universitaires de France**, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da (Org.); HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.